

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2024

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 1

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o texto e as notas.

Tal como em outras obras do século XIX, também na novela *Coração, Cabeça e Estômago* se caricatura a sensibilidade e o modo de vida românticos. No excerto que vai ler, são visíveis as transformações operadas pelo protagonista com o intuito de se aproximar da imagem de um herói romântico.

Na minha qualidade de cético, entendi que a desordem dos cabelos devia ser a imagem da minha alma. Comecei, pois, por dar à cabeça um ar fatal, que chamasse a atenção, e aguçasse a curiosidade dum mundo já gasto em admirar cabeças não vulgares. A anarquia dos meus cabelos custava-me dinheiro e muito trabalho. Ia, todos os dias, ao cabeleireiro
5 calamistrar¹ os longos anéis, que me ondeavam nas espáduas²; depois desfazia as espirais, riçava-as em caprichosas ondulações, dava à frente o máximo espaço, e sacudia a cabeça para desmanchar as torcidas deletreadas³ da madeixa. Como quer, porém, que a testa fosse menos escampada⁴ que o preciso para significar «desordem e génio», comecei a barbear a testa, fazendo recuar o domínio do cabelo, a pouco e pouco, até que me criei uma frente
10 dilatada, e umas bossas frontais, como a natureza as não dera a Shakespeare nem a Goethe.

A minha cara ajeitava-se pouco à expressão dum vivo tormento de alma, em virtude de ser uma cara sadia, avermelhada, e bem fornida de fibra musculosa. Era-me necessário remediar o infortúnio de ter saúde, sem atacar os órgãos essenciais da vida, mediante o uso de beberagens. Aconselharam-me os charutos do contrato⁵; fumei alguns dias, sem mais
15 resultado que uma ameaça de tubérculos⁶, uma formal estupidez de espírito, e não sei que profundo dissabor até da farsa em que eu a mim próprio me estava dando em espetáculo. A cara mantinha-se na prosa ignóbil do escarlata, mais incendiada ainda pelos acessos de tosse, provocados pelo fumo. Um médico da minha íntima amizade receitou-me uma essência roixa⁷ com a qual eu devia pintar o que vulgarmente se diz «olheiras». Ao deitar-me,
20 corria levemente algumas pinceladas sobre a cútis⁸, que desce da pálpebra inferior até às proeminências malares; ao erguer-me, tinha todo o cuidado em não lavar a porção arroixada pela tinta, e com uma maçaneta de algodão em rama desbastava a pintura nos pontos em que ela estivesse demasiadamente carregada. O artístico amor com que eu fazia isto deu em resultado uma tal perfeição no colorido, que até o próprio médico chegou a persuadir-se, de
25 longe, que o pisado dos meus olhos era natural, e eu mesmo também me parece que cheguei à persuasão do médico.

Fiz, pois, de mim uma cara entre o sentimental de Antony⁹ e o trágico de Fausto¹⁰. Seria, no entanto, mais completa a minha satisfação se à raiz do cabelo, no ponto em que eu barbeava a cabeça para aumentar a testa, me não aparecesse um diadema¹¹ azulado. Era a natureza
30 a vingar-se.

Camilo Castelo Branco, *Coração, Cabeça e Estômago*, edição de Cristina Sobral e Ariadne Nunes, Lisboa, IN-CM, 2019, pp. 39-40.

NOTAS

¹ *calamistrar* – tornar crespo ou frisado.

² *espáduas* – ombros.

³ *deletreadas* – repartidas.

⁴ *escampada* – ampla; larga.

⁵ *charutos do contrato* – referência ao facto de o tabaco ser vendido por particulares através de um contrato estabelecido com a Coroa, que detinha o monopólio deste produto.

⁶ *tubérculos* – nódulos arredondados, nos pulmões, característicos da tuberculose.

⁷ *roixa* – o mesmo que «roxa».

⁸ *cútis* – pele da face.

⁹ *Antony* – personagem de um drama romântico da autoria do romancista francês Alexandre Dumas (1802-1870).

¹⁰ *Fausto* – protagonista de uma obra de Goethe, escritor romântico alemão (1749-1832).

¹¹ *diadema* – faixa semicircular no alto da testa.

- * 1. Ao referir a «farsa em que eu a mim próprio me estava dando em espetáculo» (linha 16), o protagonista revela a sua intenção de criar uma imagem de si que não corresponde à realidade.

Explícite em que consiste essa imagem.

- * 2. O texto constitui um retrato humorístico do herói romântico.

Refira dois aspetos significativos que evidenciem a dimensão cômica desse retrato.

3. Complete as afirmações abaixo apresentadas, seleccionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)** e **b)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção seleccionada.

No primeiro parágrafo, o narrador recorre a expressões como «Comecei» (linha 2), «todos os dias» (linha 4), «depois» (linha 5), «a pouco e pouco» (linha 9) e «até que» (linha 9) para **a)** .

No final do excerto, ao afirmar «Era a natureza a vingar-se.» (linhas 29 e 30), o narrador **b)** .

a)	b)
1. ilustrar sumariamente as exigências sistemáticas para manter a sua imagem	1. conclui, metaforicamente, que levou demasiado longe o seu desejo de transformação física
2. organizar a sequência narrativa e descritiva, apresentando os efeitos naturais da passagem do tempo	2. realça, ironicamente, a constatação de que a alteração forjada foi passageira
3. relatar o percurso adotado para concretizar o seu processo de transformação física	3. exprime, hiperbolicamente, a sua convicção de que, embora seja difícil, é possível ludibriar a natureza

PARTE B

Leia o poema.

Depus a máscara e vi-me ao espelho...
Era a criança de há quantos anos...
Não tinha mudado nada...

É essa a vantagem de saber tirar a máscara.
5 É-se sempre a criança,
O passado que fica,
A criança.

Depus a máscara, e tornei a pô-la.
Assim é melhor.
10 Assim sou a máscara.

E volto à normalidade como a um término de linha.

Álvaro de Campos, *Poesia*, edição de Teresa Rita Lopes,
Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p. 514.

* 4. Explique a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, tal como é apresentada ao longo do poema.

* 5. Depois de tirar a máscara, o sujeito poético opta por tornar a pô-la.
Justifique essa opção, com base em dois aspetos significativos.

6. Considere as afirmações seguintes sobre o poema.

- I. O ato de se ver ao espelho sugere o desejo de autoconhecimento por parte do sujeito poético.
- II. O sujeito poético anseia voltar a viver o seu tempo de infância.
- III. A coexistência de versos longos e de versos curtos contribui para o ritmo do poema.
- IV. O recurso às reticências, no verso 3, indicia a frustração sentida pelo sujeito poético.
- V. No texto, evidenciam-se características da linguagem poética de Álvaro de Campos, como a liberdade formal e o uso de anáforas.

Identifique **as três afirmações verdadeiras**.

Escreva, na folha de respostas, os números que correspondem às afirmações selecionadas.

PARTE C

- * 7. Nos textos apresentados na Parte A e na Parte B desta prova, o protagonista, no primeiro caso, e o sujeito poético, no segundo caso, apresentam uma determinada imagem de si próprios.

Escreva uma breve exposição na qual compare esses textos quanto às ideias expressas.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicita um aspeto em que os textos se aproximam e um aspeto em que se distinguem quanto à imagem que cada sujeito de enunciação apresenta de si próprio;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto.

A beleza pode ser consoladora, perturbadora, sagrada ou profana; pode revigorar, atrair, inspirar ou arrepiar. Pode afetar-nos de inúmeras maneiras. Todavia, nunca a olhamos com indiferença: a beleza exige visibilidade. Ela fala-nos diretamente, qual voz de um amigo íntimo. Se há pessoas indiferentes à beleza, é porque são, certamente, incapazes de a perceber.

5 No entanto, os juízos de beleza dizem respeito a questões de gosto e este pode não ter um fundamento racional. Mas, se for o caso, como explicar o lugar de relevo que a beleza ocupa nas nossas vidas e porque lamentamos o facto – se disso se trata – de a beleza estar a desaparecer do nosso mundo? Será verdade, como sugeriram tantos escritores e artistas desde Baudelaire a Nietzsche, que a beleza e a bondade podem divergir e que uma coisa pode ser bela precisamente por causa da sua imoralidade?

10 Além disso, uma vez que é natural que os gostos variem, como pode o gosto de uma pessoa servir de critério para aferir o de outra? Como é possível dizer, por exemplo, que um certo tipo de música é superior ou inferior a outro, se os juízos comparativos refletem apenas o gosto daquele que os faz?

15 Este relativismo, hoje familiar, levou algumas pessoas a rejeitarem os juízos de beleza por serem puramente «subjetivos». Os gostos não se discutem, argumentam, pois, quando se critica um gosto, mais não se faz do que expressar um outro; assim sendo, nenhum ensinamento ou aprendizagem pode vir de uma «crítica». Esta atitude tem posto em questão muitas das disciplinas que tradicionalmente pertencem às humanidades. Os estudos de arte, música, literatura e arquitetura, libertados da disciplina imposta pelo juízo estético, dão a sensação de terem perdido a sustentação firme na tradição e na técnica, que tinha levado os nossos predecessores a considerarem-nos nucleares ao currículo. Daí a atual «crise das humanidades»: haverá alguma razão para estudar a nossa herança artística e cultural, se o juízo acerca da sua beleza é destituído de alicerces racionais? Ou, se resolvermos estudá-la, não deveria esse estudo ser feito com um espírito cético, questionando as suas pretensões ao estatuto de autoridade objetiva, desconstruindo a sua pose de transcendência?

Roger Scruton, *Beleza: Uma Muito Breve Introdução*, trad. Carlos Marques, Lisboa, Guerra & Paz, 2023, pp. 9-10.

* 1. Segundo o autor, é impossível ser indiferente à beleza,

- (A) sempre que quem a observa entende o que essa beleza comunica.
- (B) pois está inequivocamente associada a valores reconhecidos pela sociedade.
- (C) dado o seu carácter simultaneamente sagrado e profano.
- (D) porque todos os seres humanos interpretam essa beleza da mesma maneira.

* 2. As interrogações utilizadas, no segundo e no terceiro parágrafos, constituem uma estratégia argumentativa que visa

- (A) exprimir as dúvidas do autor do texto.
- (B) suscitar a reflexão sobre o tema abordado.
- (C) embelezar estilisticamente o discurso.
- (D) pôr em causa o conceito de beleza.

3. De acordo com o texto, a «atual “crise das humanidades”» (linhas 22 e 23) é motivada pela
- (A) rejeição do relativismo inerente aos juízos estéticos subjetivos.
 - (B) subjugação dos juízos de valor à herança artística e cultural.
 - (C) desvalorização do rigor crítico que deve reger o juízo estético.
 - (D) recusa do espírito cético que contesta o conceito de beleza.
4. Nas expressões «qual voz de um amigo íntimo» (linha 3) e «alicerces racionais» (linha 24) está presente
- (A) uma metonímia, no primeiro caso, e uma hipérbole, no segundo caso.
 - (B) uma comparação, no primeiro caso, e uma metáfora, no segundo caso.
 - (C) uma comparação, no primeiro caso, e uma metonímia, no segundo caso.
 - (D) uma metonímia, no primeiro caso, e uma comparação, no segundo caso.
- * 5. Todos os vocábulos e expressões abaixo apresentados contribuem para a coesão interfrásica, **exceto**
- (A) a expressão «Além disso» (linha 11).
 - (B) o vocábulo «Todavia» (linha 2).
 - (C) a expressão «No entanto» (linha 5).
 - (D) a expressão «Esta atitude» (linha 18).
- * 6. Todos os constituintes sublinhados desempenham a função sintática de complemento do adjetivo, **exceto** em
- (A) «indiferentes à beleza» (linha 4).
 - (B) «incapazes de a perceber» (linha 4).
 - (C) «juízos de beleza» (linha 5).
 - (D) «inferior a outro» (linha 13).
7. Os vocábulos «que», na linha 12 e na linha 19, são
- (A) um pronome, no primeiro caso, e uma conjunção, no segundo caso.
 - (B) pronomes, em ambos os casos.
 - (C) conjunções, em ambos os casos.
 - (D) uma conjunção, no primeiro caso, e um pronome, no segundo caso.

* GRUPO III

Afirma-se, frequentemente, que as redes sociais são usadas pelas pessoas, quer para se mostrarem ao mundo, quer para se esconderem por detrás de uma imagem falsa, e que isso são formas igualmente questionáveis de comunicação.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre a afirmação apresentada.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2024/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	4.	5.	7.	1.	2.	5.	6.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	161
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	3.	6.	3.	4.	7.						
Cotação (em pontos)	3 × 13 pontos										39
TOTAL											200

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2024

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Entrelinha 1,5 sem figuras

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

12 Páginas

VERSÃO 1

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia a contextualização, o texto e as notas apresentadas a seguir ao texto.

Contextualização

Tal como em outras obras do século XIX, também na novela *Coração, Cabeça e Estômago* se caricatura a sensibilidade e o modo de vida românticos. No excerto que vai ler, são visíveis as transformações operadas pelo protagonista com o intuito de se aproximar da imagem de um herói romântico.

Na minha qualidade de cético, entendi que a desordem dos cabelos devia ser a imagem da minha alma. Comecei, pois, por dar à cabeça um ar fatal, que chamasse a atenção, e aguçasse a curiosidade dum mundo já gasto em admirar cabeças não vulgares. A anarquia dos meus cabelos custava-me dinheiro e muito trabalho. Ia, todos os dias, ao cabeleireiro
5 calamistrar (1) os longos anéis, que me ondeavam nas espáduas (2); depois desfazia as espirais, riçava-as em caprichosas ondulações, dava à frente o máximo espaço, e sacudia a cabeça para desmanchar as torcidas deletreadas (3) da madeixa. Como quer, porém, que a testa fosse menos escampada (4) que o preciso para significar «desordem e génio», comecei a barbear a testa, fazendo recuar o domínio do cabelo, a pouco e pouco, até que me criei uma frente
10 dilatada, e umas bossas frontais, como a natureza as não dera a Shakespeare nem a Goethe.

A minha cara ajeitava-se pouco à expressão dum vivo tormento de alma, em virtude de ser uma cara sadia, avermelhada, e bem fornida de fibra musculosa. Era-me necessário remediar o infortúnio de ter saúde, sem atacar os órgãos essenciais da vida, mediante o uso de beberagens. Aconselharam-me os charutos do contrato (5); fumei alguns dias, sem mais
15 resultado que uma ameaça de tubérculos (6), uma formal estupidez de espírito, e não sei que profundo dissabor até da farsa em que eu a mim próprio me estava dando em espetáculo. A cara mantinha-se na prosa ignóbil do escarlata, mais incendiada ainda pelos acessos de tosse, provocados pelo fumo. Um médico da minha íntima amizade receitou-me uma
20 essência roixa (7) com a qual eu devia pintar o que vulgarmente se diz «olheiras». Ao deitar-me, corria levemente algumas pinceladas sobre a cútis (8), que desce da pálpebra inferior até às proeminências malares; ao erguer-me, tinha todo o cuidado em não lavar a porção arroixada

pela tinta, e com uma maçoaneta de algodão em rama desbastava a pintura nos pontos em que ela estivesse demasiadamente carregada. O artístico amor com que eu fazia isto deu em resultado uma tal perfeição no colorido, que até o próprio médico chegou a persuadir-se, de longe, que o pisado dos meus olhos era natural, e eu mesmo também me parece que cheguei à persuasão do médico.

Fiz, pois, de mim uma cara entre o sentimental de Antony (9) e o trágico de Fausto (10). Seria, no entanto, mais completa a minha satisfação se à raiz do cabelo, no ponto em que eu barbeava a cabeça para aumentar a testa, me não aparecesse um diadema (11) azulado. Era a natureza a vingar-se.

Camilo Castelo Branco, *Coração, Cabeça e Estômago*.

NOTAS

- (1) calamistrar – tornar crespo ou frisado.
- (2) espáduas – ombros.
- (3) deletreadas – repartidas.
- (4) escampada – ampla; larga.
- (5) charutos do contrato – referência ao facto de o tabaco ser vendido por particulares através de um contrato estabelecido com a Coroa, que detinha o monopólio deste produto.
- (6) tubérculos – nódulos arredondados, nos pulmões, característicos da tuberculose.
- (7) roixa – o mesmo que «roxa».
- (8) cútis – pele da face.
- (9) Antony – personagem de um drama romântico da autoria do romancista francês Alexandre Dumas (1802-1870).
- (10) Fausto – protagonista de uma obra de Goethe, escritor romântico alemão (1749-1832).
- (11) diadema – faixa semicircular no alto da testa.

Item obrigatório

1. Ao referir a «farsa em que eu a mim próprio me estava dando em espetáculo» (linha 16), o protagonista revela a sua intenção de criar uma imagem de si que não corresponde à realidade.

Explicita em que consiste essa imagem.

Item obrigatório

2. O texto constitui um retrato humorístico do herói romântico.

Refira dois aspetos significativos que evidenciem a dimensão cómica desse retrato.

3. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)** e **b)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada.

No primeiro parágrafo, o narrador recorre a expressões como «Comecei» (linha 2), «todos os dias» (linha 4), «depois» (linha 5), «a pouco e pouco» (linha 9) e «até que» (linha 9) para**a)**..... .

No final do excerto, ao afirmar «Era a natureza a vingar-se.» (linhas 29 e 30), o narrador**b)**..... .

a)

1. ilustrar sumariamente as exigências sistemáticas para manter a sua imagem
2. organizar a sequência narrativa e descritiva, apresentando os efeitos naturais da passagem do tempo
3. relatar o percurso adotado para concretizar o seu processo de transformação física

b)

1. conclui, metaforicamente, que levou demasiado longe o seu desejo de transformação física
2. realça, ironicamente, a constatação de que a alteração forjada foi passageira
3. exprime, hiperbolicamente, a sua convicção de que, embora seja difícil, é possível ludibriar a natureza

PARTE B

Leia o poema.

Depus a máscara e vi-me ao espelho...
Era a criança de há quantos anos...
Não tinha mudado nada...

É essa a vantagem de saber tirar a máscara.
É-se sempre a criança,
O passado que fica,
A criança.

Depus a máscara, e tornei a pô-la.
Assim é melhor.
Assim sou a máscara.

E volto à normalidade como a um término de linha.

Álvaro de Campos, *Poesia*.

Item obrigatório

4. Explique a importância da máscara na construção da dualidade do sujeito poético, tal como é apresentada ao longo do poema.

Item obrigatório

5. Depois de tirar a máscara, o sujeito poético opta por tornar a pô-la.
Justifique essa opção, com base em dois aspetos significativos.

6. Considere as afirmações seguintes sobre o poema.

- I. O ato de se ver ao espelho sugere o desejo de autoconhecimento por parte do sujeito poético.
- II. O sujeito poético anseia voltar a viver o seu tempo de infância.
- III. A coexistência de versos longos e de versos curtos contribui para o ritmo do poema.
- IV. O recurso às reticências, no verso 3, indicia a frustração sentida pelo sujeito poético.
- V. No texto, evidenciam-se características da linguagem poética de Álvaro de Campos, como a liberdade formal e o uso de anáforas.

Identifique **as três afirmações verdadeiras**.

Escreva, na folha de respostas, os números que correspondem às afirmações selecionadas.

PARTE C

Item obrigatório

7. Nos textos apresentados na Parte A e na Parte B desta prova, o protagonista, no primeiro caso, e o sujeito poético, no segundo caso, apresentam uma determinada imagem de si próprios.

Escreva uma breve exposição na qual compare esses textos quanto às ideias expressas.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicita um aspeto em que os textos se aproximam e um aspeto em que se distinguem quanto à imagem que cada sujeito de enunciação apresenta de si próprio;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto.

A beleza pode ser consoladora, perturbadora, sagrada ou profana; pode revigorar, atrair, inspirar ou arrepiar. Pode afetar-nos de inúmeras maneiras. Todavia, nunca a olhamos com indiferença: a beleza exige visibilidade. Ela fala-nos diretamente, qual voz de um amigo íntimo. Se há pessoas indiferentes à beleza, é porque são, certamente, incapazes de a perceber.

5 No entanto, os juízos de beleza dizem respeito a questões de gosto e este pode não ter um fundamento racional. Mas, se for o caso, como explicar o lugar de relevo que a beleza ocupa nas nossas vidas e porque lamentamos o facto – se disso se trata – de a beleza estar a desaparecer do nosso mundo? Será verdade, como sugeriram tantos escritores e artistas desde Baudelaire a Nietzsche, que a beleza e a bondade podem divergir e que uma coisa pode
10 ser bela precisamente por causa da sua imoralidade?

Além disso, uma vez que é natural que os gostos variem, como pode o gosto de uma pessoa servir de critério para aferir o de outra? Como é possível dizer, por exemplo, que um certo tipo de música é superior ou inferior a outro, se os juízos comparativos refletem apenas o gosto daquele que os faz?

15 Este relativismo, hoje familiar, levou algumas pessoas a rejeitarem os juízos de beleza por serem puramente «subjetivos». Os gostos não se discutem, argumentam, pois, quando se critica um gosto, mais não se faz do que expressar um outro; assim sendo, nenhum ensinamento ou aprendizagem pode vir de uma «crítica». Esta atitude tem posto em questão muitas das disciplinas que tradicionalmente pertencem às humanidades. Os estudos de arte,
20 música, literatura e arquitetura, libertados da disciplina imposta pelo juízo estético, dão a sensação de terem perdido a sustentação firme na tradição e na técnica, que tinha levado os nossos predecessores a considerarem-nos nucleares ao currículo. Daí a atual «crise das humanidades»: haverá alguma razão para estudar a nossa herança artística e cultural, se o juízo acerca da sua beleza é destituído de alicerces racionais? Ou, se resolvermos estudá-la,
25 não deveria esse estudo ser feito com um espírito cético, questionando as suas pretensões ao estatuto de autoridade objetiva, desconstruindo a sua pose de transcendência?

Roger Scruton, *Beleza: Uma Muito Breve Introdução*.

Item obrigatório

1. Segundo o autor, é impossível ser indiferente à beleza,
 - a) sempre que quem a observa entende o que essa beleza comunica.
 - b) pois está inequivocamente associada a valores reconhecidos pela sociedade.
 - c) dado o seu carácter simultaneamente sagrado e profano.
 - d) porque todos os seres humanos interpretam essa beleza da mesma maneira.

Item obrigatório

2. As interrogações utilizadas, no segundo e no terceiro parágrafos, constituem uma estratégia argumentativa que visa
 - a) exprimir as dúvidas do autor do texto.
 - b) suscitar a reflexão sobre o tema abordado.
 - c) embelezar estilisticamente o discurso.
 - d) pôr em causa o conceito de beleza.
3. De acordo com o texto, a «atual “crise das humanidades”» (linhas 22 e 23) é motivada pela
 - a) rejeição do relativismo inerente aos juízos estéticos subjetivos.
 - b) subjugação dos juízos de valor à herança artística e cultural.
 - c) desvalorização do rigor crítico que deve reger o juízo estético.
 - d) recusa do espírito cético que contesta o conceito de beleza.
4. Nas expressões «qual voz de um amigo íntimo» (linha 3) e «alicerces racionais» (linha 24) está presente
 - a) uma metonímia, no primeiro caso, e uma hipérbole, no segundo caso.
 - b) uma comparação, no primeiro caso, e uma metáfora, no segundo caso.
 - c) uma comparação, no primeiro caso, e uma metonímia, no segundo caso.
 - d) uma metonímia, no primeiro caso, e uma comparação, no segundo caso.

Item obrigatório

5. Todos os vocábulos e expressões abaixo apresentados contribuem para a coesão interfrásica, **exceto**

- a) a expressão «Além disso» (linha 11).
- b) o vocábulo «Todavia» (linha 2).
- c) a expressão «No entanto» (linha 5).
- d) a expressão «Esta atitude» (linha 18).

Item obrigatório

6. Todos os constituintes sublinhados desempenham a função sintática de complemento do adjetivo, **exceto** em

- a) «indiferentes à beleza» (linha 4).
- b) «incapazes de a perceber» (linha 4).
- c) «juízos de beleza» (linha 5).
- d) «inferior a outro» (linha 13).

7. Os vocábulos «que», na linha 12 e na linha 19, são

- a) um pronome, no primeiro caso, e uma conjunção, no segundo caso.
- b) pronomes, em ambos os casos.
- c) conjunções, em ambos os casos.
- d) uma conjunção, no primeiro caso, e um pronome, no segundo caso.

GRUPO III

Afirma-se, frequentemente, que as redes sociais são usadas pelas pessoas, quer para se mostrarem ao mundo, quer para se esconderem por detrás de uma imagem falsa, e que isso são formas igualmente questionáveis de comunicação.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre a afirmação apresentada.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2024/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas aos 10 itens seguintes contribuem obrigatoriamente para a classificação final da prova.

Grupo I

Item 1..... 13 pontos

Item 2..... 13 pontos

Item 4..... 13 pontos

Item 5..... 13 pontos

Item 7..... 13 pontos

Grupo II

Item 1..... 13 pontos

Item 2..... 13 pontos

Item 5..... 13 pontos

Item 6..... 13 pontos

Grupo III

Item único 44 pontos

SUBTOTAL 161 pontos

Dos restantes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação (3 x 13 pontos).

Grupo I

Itens 3. e 6.

Grupo II

Itens 3., 4. e 7.

SUBTOTAL 39 pontos

TOTAL 200 pontos